

Du, Doppelganger! du, bleicher Geselle!...  
(Ó, [meu] duplo, ó [meu] pálido companheiro!...)

*H. Heine*

O órgão não bramiu sua floresta ogival.  
Nessa noite era o canto de Schubert — materno berço!  
Som do moinho, e nas canções da tempestade  
a música ria a sua embriaguez de olho garço!

Mundo velho do canto, canção verde e castanha,  
eternamente jovem, vastidões  
onde o rei da floresta com raiva louca abana  
marulhantes copas de tílias a abarrotar de rouxinóis.

E à noite o regresso, a força terrível —  
canção selvagem aquela, como vinho negro:  
é o duplo — um fantasma vazio —  
olhando longamente pela fria janela!

1918

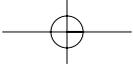
## TRISTIA

Vi a ciência do adeus nas lamentações  
da noite desgrenhada, na cabeleira solta.  
E a espera se prolonga, ruminam os bois —  
da vigília urbana, é esta a última hora —,  
e venero o rito dessa noite de galo,  
quando, ante o fardo de tristeza para erguer,  
perscrutavam o longe uns olhos rasos d'água  
e se aliava às musas um choro de mulher.

«Adeus» — quem pode, ao ouvir pronunciá-lo,  
saber que separação nos tocará p'lo rosto,  
o que nos pressagia o exclamar do galo,  
quando na acrópole arde em labareda o fogo,  
e no alvor d'alguma vida nova anunciada,  
enquanto no alpendre o boi tranquilo mastiga,  
por que bate, sobre as muralhas da cidade,  
o galo as asas, arauto da nova vida?

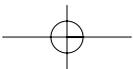
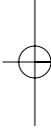
Encanta-me o costume velho do pano fiado:  
zumba o fuso, urde a lançadeira o débil ponto.  
Olha, Délia vem, Délia voa descalça,  
como penugem de cisne, ao teu encontro!  
Oh, como é exígua a base da nossa vida  
e como a língua da alegria se faz pobre!  
Já tudo foi, e tudo nos será repetido,  
só o doce instante de reconhecer nos move.

Que seja assim: um transparente, leve perfil  
jazendo no prato sem mácula de barro,  
como a pele distendida de um esquilo,  
e a rapariga olha a cera, busto reclinado.



Para a mulher a cera, para o homem o cobre,  
sobre o grego Érebo o homem nada adivinha.  
A nós só na batalha atinge a pedra da sorte,  
para elas está escrito morrer lendo a sina.

1918



Nas alturas abruptas o fogo errante!  
Assim é que cintila a estrela?  
Olha, estrela de cristal, fogo errante,  
tua irmã Petrópole está a morrer!

Sonhos da terra desfazem-se em fogo,  
no alto abrupto voa a estrela verde.  
Se és estrela, vê: a irmã do céu e da água,  
e tua irmã, Petrópole, está a morrer!

Terríveis alturas, a nave monstruosa  
plana as asas e corre pelo céu...  
Oh, estrela verde — numa esplêndida miséria  
a tua irmã, Petrópole, está a morrer!

No Nevá negro — Abril, cristal quebrado,  
cera da imortalidade a derreter...  
Vê, se és estrela: Petrópole, a tua cidade,  
e tua irmã, tua Petrópole, está a morrer!

1918

## VIDA VENEZIANA

Da vida veneziana estéril e sombria  
vejo claro o significado.  
Ei-la assestando o sorriso, a mirada fria,  
no vidro decrépito azul-claro.

As veias azuis, o assomo fino da pele,  
o brocado verde, de neve o branco.  
A todos estendem nas macas de cipreste  
e quentes do sono retiram do manto.

Como que penetrou na Arca uma pomba,  
velas nos lampadários se consomem.  
E no teatro e no foro ocioso  
morre o homem.

Porque não há salvação do amor e do medo,  
é mais pesado que platina o anel de Saturno,  
cada falso encortinado a veludo negro  
e um rosto belo.

Tão pesados os teus trajes, ó Veneza,  
espelhos em molduras de cipreste.  
Teu ar talhado. Derretem-se na alcova  
montes de vidro azul decrépito.

Perdoa, Adriático verde,  
Pelo frasco entre os dedos ou a rosa!  
Por que calas, veneziana, como iludir  
desta morte festiva os enredos?